



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

MERCADO EDITORIAL E CRÍTICA LITERÁRIA: OS CASOS DE *GALILEIA* E *RETABLO*

Elaine Aparecida Lima (UNILA)

RESUMO: Trata-se de um estudo comparativo das obras *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, e *Retablo*, de Julián Pérez Huaranca. Nascido no Ceará, em 1951, o médico Ronaldo Correia de Brito consolidou-se no mundo literário em 2008, quando publicou *Galileia*, romance ambientado no sertão nordestino. Nascido em Ayacucho, Peru, no ano de 1954, Julián Pérez Huaranca é professor universitário e teve como seu primeiro grande sucesso a narrativa *Retablo*, publicada em 2004. Lendo *Galileia* e *Retablo* como herdeiras das tradições regionalista brasileira e andina/indigenista peruana, entende-se que ambas reescrevem a imagem do homem andino ou sertanejo e dos espaços nos quais eles se inserem, impondo o diálogo com o discurso colonial e com a tradição literária, um diálogo no qual transparece a totalidade contraditória, para usar um termo de Cornejo Polar. A compreensão de *Galileia* e *Retablo* como herdeiras das literaturas regionalista brasileira e indigenista peruana, traz a lume um ponto crucial, qual seja a rejeição contemporânea de críticos, de editoras e de autores em relação a quaisquer laços com as correntes mencionadas. Compreender os motivos pelos quais Perez Huaranca e Correia de Brito repetem as conclusões da crítica e negam o regionalismo e o indigenismo, entender a influência do mercado editorial e da crítica neste posicionamento e verificar como este alheamento é destruído por características presentes nos textos dos autores são os objetivos do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Mercado editorial; Crítica literária; *Retablo*; *Galileia*

No que tange aos estudos literários, embora, especialmente após 1964, quando Ángel Rama (2008) conclamou os intelectuais à construção de um sistema literário latino-americano, em substituição ao conceito de literatura nacional, tenha sido construído um consenso em torno da existência de uma literatura da América Latina, o fato é que ainda é frágil o conhecimento brasileiro sobre as produções artísticas de seus vizinhos, sendo, também, realidade seu inverso. Nesse contexto, a ignorância mútua Brasil-Peru é exemplar e, em se tratando da literatura contemporânea, a situação não se modifica. Se Brasil e Peru,

inegavelmente, partilham passados históricos nos quais os colonizadores alteraram, macularam e aniquilaram estruturas e práticas sociais, culturais e linguísticas dos povos nativos, se, na história recente de ambos, existiram crises políticas que geraram repressões e violências contra os direitos humanos, a saber, no Brasil, o Golpe Militar em 1964, e, no Peru, entre os anos de 1980 a 2000, a guerra civil, se, nos dois países, é notável a diversidade cultural interna, tais aproximações não foram suficientes para que houvesse um aprofundamento do conhecimento recíproco entre eles.

Na contramão da tendência mencionada, o presente texto propõe a fricção de produções literárias brasileira e peruana, particularmente obras contemporâneas enleadas às correntes sertanista e andina/neoindigenista, a saber *Galileia*, do brasileiro Ronaldo Correia de Brito, e *Retablo*, livro escrito por Julián Pérez Huaranca. Por meio de recursos literários próprios da literatura contemporânea e da desconstrução de conceitos consolidados sobre o Nordeste brasileiro e os sertanejos; os Andes Peruanos e os indígenas, Ronaldo Correia de Brito e Julián Perez Huaranca parecem não somente destruir preconceitos em relação às regiões em pauta, como colocar em xeque a territorialidade, a barbárie, o destaque dado à natureza, o olhar distanciado do narrador e outros elementos caracterizadores da narrativa latino-americana inspirada na visão europeizada sobre a região. *Galileia* e *Retablo*, ambos narrados em primeira pessoa por narradores que retornam às regiões em que nasceram, são romances que, ao não focalizarem as regiões do Nordeste brasileiro e dos Andes peruanos pela perspectiva meramente descritiva e natural, utilizam-se da memória, da migração e das hibridações culturais presentes no Nordeste e nos Andes contemporâneos para construir romances alicerçados em dois planos narrativos paralelos. Em um primeiro, não menos evidente, coloca-se em conflito o passado e o presente daquelas regiões e seus povos e, em tal íterim, são destruídos estereótipos frequentes sobre os mesmos. Em um segundo plano, surge uma dimensão narrativa que desvela personagens problemáticas, as quais, bem ao gosto da literatura contemporânea, ao enfrentarem o passado, revisitam a si mesmas e não se reconhecem no tempo e no espaço. O reencontro, a violência, o trânsito e a procura da identidade são, portanto, alguns dos elementos que atualizam, nas produções em debate, o romance regionalista e andino/indigenista da contemporaneidade.

As representações literárias de espaços latino-americanos distantes dos grandes centros, no caso do Brasil, o eixo Rio-São Paulo, no caso do Peru, a capital Lima, tradicionalmente foram denominadas, no Brasil, como regionalistas e, no Peru, como andinas/indigenistas, vertentes tão profícuas quanto rechaçadas. Comumente assimiladas como reconstruções imagéticas de espaços intocados e, neste sentido, marcados pela originalidade nacional, sem influência de elementos estrangeiros, os textos ambientados em regiões longínquas, no século XX e XXI, por vezes foram lidos como pitorescos e ultrapassados, diametralmente opostos às produções de ambientação urbana, vistas como modernas e universais.

No Brasil, percebendo, equivocadamente, o regionalismo como opositor à hegemonia nacional e, concomitantemente, à modernização literária, convencionalmente datada a partir da realização da Semana literária de 1922, parte significativa da crítica brasileira não o admite, primordialmente, por ler suas obras como produções retrógradas. Não é por outro motivo, por exemplo, que Antônio Cândido, em ensaio publicado pela primeira vez em 1964, concebia o regionalismo como manifestação literária intrinsecamente relacionada ao subdesenvolvimento, “consequência da atuação que as condições econômicas e sociais exercem sobre a escolha dos temas”, as quais “invadem o campo da consciência e da sensibilidade do escritor”. De acordo com o analista, o regionalismo foi uma “etapa necessária, que fez a literatura [...] focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido” (CÂNDIDO, 2003, p. 151-152). Enxergando um processo evolutivo na literatura regionalista, Cândido vê nas produções românticas, realistas e pré-modernistas a presença do regionalismo tradicional correspondente à “consciência amena do atraso” (CÂNDIDO, 2003, p. 145), oposta, à “consciência catastrófica” (CÂNDIDO, 2003, p. 142), da literatura brasileira de 1930 e distante de obras que, alimentadas pelas vanguardas, investiram na renovação estética da linguagem e, finalmente, teriam conseguido colocar em consonância a representação regional e a dimensão universal. Nesta fase, superado o regionalismo, surgiria o superregionalismo, característico de obras raras como as de Guimarães Rosa e também desaparecido ao longo dos anos.

No Peru, por sua vez, embora aparentemente a crítica esteja convencida sobre a existência de uma evolução, a partir dos anos sessenta do século passado, do indigenismo

literário ortodoxo, o que, sugeriria em lugar da negativa da existência de uma literatura atual dos Andes, sua evolução até o século XXI, as divergências sobre a definição do neoindigenismo acabam, por vezes, por aproximar algumas conclusões críticas do posicionamento de analistas brasileiros sobre o regionalismo literário. De acordo com Mark R. Cox (2002), a crítica literária peruana contemporânea tem posto em xeque a validade do termo neoindigenismo, o que, na prática, coloca em questionamento a existência de uma literatura andina/indigenista contemporânea. Um dos mais duros críticos do indigenismo e suas evoluções é Mário Llosa (2016). Postula o literato e também crítico que os escritores indigenistas insistem em um veio reivindicatório que se opõe a uma literatura qualitativa, esta representada pela produção ligada ao *boom* latino-americano da segunda metade do século XX. Llosa compreende que a literatura indigenista ou neoindigenista, salvas algumas exceções, não possui valor literário e, por isso, para ele, desde o *boom*, marco, tal qual o Modernismo em relação à literatura brasileira, do amadurecimento da literatura do Peru, é etapa superada da produção artística daquele país. O Peru verdadeiro seria marcado pelo progresso que não se veria na literatura andina/indigenista.

Verifica-se, então, que tanto no Peru quanto no Brasil, vestígios, na literatura, de sociedades não urbanizadas e de seus habitantes, por considerados elementos marcantes do atraso, são rechaçados por parte da crítica de ambos os países. Trata-se de posicionamentos que obliteram o fato de que se o sertão e o mundo andino ainda existem, suas representações literárias não podem ter desaparecido, embora tenham se modificado, bem como esquecem como o Modernismo no Brasil e o boom latino-americano, embora objetivassem colocar a literatura deste lado do mundo no mesmo patamar da europeia, jamais deram as costas às particularidades da América Latina.

Os discursos editoriais que apresentaram *Retablo* e *Galileia* para o mercado também parecem seguir o caminho de distanciamento trilhado pela crítica conservadora. *Retablo*, publicado primeiramente pela Editora San Marcos e, posteriormente, pela Editora Federico Villarreal, foi sempre apresentado como um romance em que “los sujetos andinos ya non son más aquellos que fueron representados em la narrativa indigenista [...]”, pois “asumen su incorporación a la sociedad peruana em tiempos actuales”, “en efecto, em ella están recreados los profundos cambios sociales que se operan em un ámbito del Ande [...]”

(HUARANCA, 2004, p. 01) e *Galileia* como um “texto contemporâneo”, no qual “convergem pessoas de todo o mundo” e a tradição é superada (BRITO, 2009, p. 01).

Narrativas premiadas em concursos destacados em seus países, o tratamento que recebem de suas editoras parecem fazer *Retablo* e *Galileia* modelares em relação às estratégias mercadológicas que, adotadas para descrevê-las, afastam-nas dos rótulos malquistos e as direcionam para o interesse de um público julgado mais amplo e de gosto cidadão. Peru e Brasil, desde as últimas décadas do século XX, apresentaram um processo de implantação do capitalismo avançado, no qual a ampliação de mercados, inclusive editorial, paulatinamente transformou a visão sobre a literatura, encarando-a como mercadoria. De acordo com Beatriz Rezende (2008)¹, o mercado editorial contemporâneo tem se ampliado significativamente nos últimos anos, aumentando a competitividade. Dados da Câmara Brasileira de Livros detectam um crescimento do setor editorial, em 2013, de 7,52% (CBL, 2014). De acordo com a Câmara Peruana de Livro, as editoras tiveram “un incremento en la cantidad de ejemplares vendidos (2,7% en promedio) durante [...] [2009-2011], mientras que el número promedio de títulos vendidos creció en alrededor de 1,5%” (CPL, 2012). Ambas instituições, indicam o centramento do público na região urbana.

Em tal contexto, não parece estranho que os resenhistas das editoras, a exemplo daqueles da grande imprensa, queiram afastar seus objetos daquilo que, supostamente, refletiria o arcaísmo literário e o atraso nacional, em descompasso com a urbanização e modernização do público e de seu gosto. Resenha de Antonio Gonçalves Filho, no jornal *O Estado de São Paulo*, por exemplo, divulga *Galileia* como uma produção que, possuindo personagens do mundo globalizado, é totalmente desligada do passadismo. Diz ele: “Há oito anos em preparo, ele sai da gaveta com carga explosiva, detonando o mundo arcaico do sertão com personagens vindos de um mundo laico, globalizado” (GONÇALVES FILHO, 2008, p. 08). No mesmo espírito, texto acerca de *Retablo*, relata que, no livro, embora seja vista a história dos Andes, a população andina possui os traços da sociedade peruana moderna: “[...] están recreados no sólo los profundos cambios sociales que se operan en un ámbito del Ande a lo largo de los cien años de historia, sino también cómo las poblaciones

¹ A autora aborda o mercado editorial brasileiro, mas dados do mercado editorial peruano, disponibilizados pela Câmara Peruana do Livro, <http://www.cpl.org.pe/>, parecem possibilitar que as conclusões da pesquisadora podem ser estendidas ao mercado editorial do Peru.

andinas asumen su incorporación a la sociedad peruana en tiempos actuales”. (LIBROS PERUANOS, 2016, p. 01)

Provavelmente decorrentes da situação descrita e em consonância com a espetacularização contemporânea da figura do autor, celebridade *cult*, as palavras dos literatos sobre seus escritos são requisitadas como apoio às editoras. Ronaldo Correia de Brito e Julián Pérez Huaranca defendem seus escritos das alcunhas de regionalista e neoindigenista e buscam laços com a literatura contemporânea de ambientação urbana e globalizada:

[...] inventaram para mim esse epíteto de “um escritor regionalista”, da mesma maneira que tratavam Graciliano Ramos como “um sertanejo culto”. No ano de 2003, no lançamento de *Faca em São Paulo*, meu editor da CosacNaify, Augusto Massi, me alertou para ter cuidado com certas pechas que tentariam pespegar em mim de que eu dificilmente me livraria. Alguém saiu na frente e tascou o “regionalista”, tornando-se uma espécie de maldição a partir da qual todos tentariam ler meus livros e reduzir minha literatura a um lugar. (BRITO in GUERRA, 2016, p. 02)

Lo del indigenismo me interesó más bien como propuesta política y cultural en un momento dado de la historia del Perú; pero, andando los años, se ha convertido en una suerte de discurso anacrónico aun en muchos de los escritores andinos actuales.[...]

Leo con asombro cómo obras supuestamente andinas lo que crean es la imagen del poblador andino como lo quiere el otro cultural occidentalizado, que casi nada ha cambiado con respecto al “indio que asoma de su rústica mansión”. Pero no sólo eso, sino que hay “críticos” que sobrevaloran dichas obras porque según ellos nos hablan del Ande, de su cultura, de sus mitos y representa su “racionalidad”; sospecho que lo que quieren estos críticos es también vender la imagen del sujeto andino como lo quiere la hegemonía cultural a cambio de su autoafirmación como intelectuales y la aceptación de sí mismos por la cultura hegemónica. (HUARANCA in CABALLERO, 2016, p. 02)

Adonias, personagem narradora de *Galileia*, nascida no sertão, mas criada na metrópole, surge como representante de um discurso urbano, supostamente atualizado com a modernidade, e, por consequência, porta-voz da recusa regionalista que vemos nos discursos expostos. Sua figura, contraposta à imagem do tio Salomão, conhecedor da cultura popular, por contato e por leituras, vocifera: “– Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?”, julga a produção regional como elemento do passado que, aos moldes da fazenda Galileia, não teria alcançado o progresso. Já a personagem protagonista de Perez Huaranca, não obstante demarque suas reservas aos

discursos de intelectuais, como Mario Llosa, para os quais o atraso do Peru e sua ausência de integração resultam da ignorância imperante nos povos andinos, não deixa de ser afeito à modernização do espaço em que nasceu. Ao cabo do enredo, já descrente em relação ao letramento como salvação dos indígenas, não passa a ver com olhos negativos a necessidade de atualização da sociedade andina. Vendo os Andes, desde o princípio, como “al otro lado de la aldea global”, opta por nele não permanecer, mas jamais por discordar da modernidade lá presente, sua decisão ocorre porque considera a si mesmo um “desarraigado” (HUARANCA, 2004, 338).

Em um momento no qual as narrativas que incluem espaços e as vozes periféricas, afetados pelo caos da modernidade, são o alvo do mercado editorial (REZENDE, 2008; PELLEGRINI, 2002), parece contraditório que não se possa admitir a permanência de uma literatura que sempre esteve ligada à representação de povos e espaços marginalizados, parece equivocado que o sertão nordestino brasileiro e os Andes peruanos, quando afetados pela modernização, simplesmente tenham gerado uma literatura sem laços com a tradição de suas representações. Mesmo Adonias e Manuel Jesús Medina, vozes que julgam as tradições de suas regiões e os discursos sobre elas, concluem que os territórios em que nasceram, embora afetados por mudanças, continuam a existir. Para Adonias, “o barulho forte das máquinas e as luzes dos faróis deixam a impressão de que estou em noutro planeta. Mas não estou. O sertão continua na minha frente, nos lados, atrás de mim. (BRITO, 2009, p. 09). Para Manuel, a surpresa com as mudanças não tiram a certeza de que aquela terra é, ainda, os Andes que nasceu, “[...] quebrada andina de mi niñez” (HUARANCA, 2004, p. 03). Se ainda existem, suas produções literárias também, porém agora com modificações.

As representações das regiões interioranas dos dois países em pauta, por meio de construções não documentárias, entrelaçam as condições socioeconômicas e espaciais das regiões às experiências identitárias dos narradores. Em ambos os casos, a memória, elemento de evocação psíquica, permite às personagens, no reestabelecimento do contato espacial, revisitar interpretações oficiais predominantes sobre as regiões andina e sertaneja. De um lado, um homem sertanejo que, criado na cidade, formou-se médico e que, adulto, resiste a enfrentar Galileia, local que, a um só tempo, por sua longa história e cultura, guarda a experiência, e, pelos impactantes segredos familiares, é capaz de transformá-lo.

Um homem que, a despeito do medo e do sentimento de não-pertencimento que o rege, aniquila estereótipos sobre o território nordestino, dentre eles, a ocorrência de uma colonização pacífica, a percepção do sertanejo como homem bravo, fruto da miscigenação bem-sucedida e do desenvolvimento de resistências ao clima, este, reduzido à seca. De outro, um andino de origem não-branca que, cedo distanciado do pequeno povoado de Pumarana, retorna a ele já diplomado como professor universitário, separado de sua esposa e de sua filha e, no contato com aquele espaço, é incitado à compreensão de seu presente carente de sentido. Tentando encontrar o momento em que se perdeu, Medina avaliará as concepções correntes de e sobre seu povo, expondo, especialmente a presença da desigualdade social dos Andes, a descrença do letramento como meio de superação social e a percepção da violência armada no Peru como fruto de sujeitos subversivos de má índole. Nos dois casos, as afeições dos narradores com a modernização e o receio do enfrentamento dos costumes interioranos não os impedem de dialogar com a tradição regionalista, revendo sua formatação e destruindo estereótipos que a história oficial inculca.

Os deslocamentos populacionais do Nordeste e dos Andes, por exemplo, seja internamente ou em direção aos centros urbanos, não são novidades nas literaturas ambientadas nas regiões, mas os movimentos motes dos romances de Ronaldo Correia de Brito e Julián Pérez Huaranca invertem o caminho geralmente percorrido. Ao invés da partida surge o regresso à terra natal e, por meio dele, o deslocamento dos enredos que se compõem menos dedicado à descrição da natureza, cultivando, em seu lugar, o perscrutar das emoções das personagens. Diante de espaços invadidos pela modernidade, Adonias e Manuel não encontram tranquilidade e, ao final, estão tão indefinidos como os espaços que visitaram, com todas as suas certezas desmoronadas, não se sentindo pertencentes à metrópole ou ao interior de seus países. A viagem e, por conseguinte, o encontro com os antepassados não sedimentam na síntese do passado o amadurecimento dos narradores, desaparecendo as funções edificante e pedagógica do deslocamento e alinhando-se os enredos à concepção contemporânea de não-lugar:

se um lugar pode ser definido como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode ser assim caracterizado será definido como um não-lugar. A supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes,

repertoriados, classificados, promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (ARANTES, 1994, p. 73)

As raras descrições espaciais de *Galileia* e de *Retablo*, quando surgem, são embaralhadas pelas aflições dos narradores ou das personagens. A apresentação do espaço, permeado pelo subjetivo, oferece uma paisagem que expõe indivíduos perdidos, hostis, sem rumo, tais quais as personagens contemporâneas dos romances urbanos. Elemento encravado na composição das figuras fictícias, o espaço não o é por influenciar as personagens, mas por desintegrá-la do universo, por demonstrar o quanto elas não sabem quem são. Manuel Medina vai aos Andes para encontrar a si e, a narrativa de capítulos desconexos, já demonstra que não consegue completar totalmente seu objetivo. Por mais que reconstitua a história de sua família, não parece completo ao final do enredo, continuando a viagem a procura de si mesmo. Já o capítulo final da obra de Brito é paradigmático. A apresentação de cajueiros, do rio Jaguaribe, de um sertão em que a televisão e as motocicletas dividem espaço com a natureza, feita em um ritmo cinematográfico, no qual as cenas se sobrepõem, imprimem ao leitor a sensação de confusão mental e de insegurança do narrador. Tão desconexa quanto o próprio narrador, a paisagem reafirma o não-lugar daquela personagem, seja pela descrição da qual é alvo, seja pelo rompimento entre dicotomias costumeiras, tradição-modernidade, urbano-rural.

Pelo exposto, parece que a globalização não sucumbiu com quaisquer especificidades de culturas próprias da América Latina. Ao analisar a literatura peruana, Cornejo Polar sugere uma reflexão que parece aplicável à literatura brasileira, auxiliando na compreensão da situação supra. De acordo com ele, o reconhecimento da pluralidade na literatura do Peru impõe a compreensão dos vínculos estabelecidos por diferentes sistemas literários e, destes, no interior do trajeto histórico no qual se incluem, podendo ser lido como um processo de resistência às dominações de cunho globalizante oriundas dos centros de poder políticos e/ou simbólicos. Aceitando a multiplicidade da literatura peruana e, portanto, a permanência de uma literatura indigenista/andina, Polar lê a literatura de seu país como um sistema heterogêneo no qual a expressão própria dos Andes é, concomitantemente, afetada pela modernidade e, portanto, por aspectos temáticos e estéticos próprios de obras contemporâneas reconhecidas pela crítica e, ao mesmo tempo, marcada pelo diálogo com sua região e os discursos sobre ela. Destarte, resiste-se à

supressão das manifestações literárias que não se enquadrem totalmente aos critérios estabelecidos pela voz intelectualizada detentora do *status quo* e, pode-se acrescentar, pelos interesses mercadológicos.

[...] no basta transformar um singular enganoso (la literatura peruana) em um plural efectivo pero opaco en lo que toca a sua aptitud explicativa (las literaturas peruanas); se trata de comprender a fondo mediante una categoria adecuada, la índole profunda de uma totalidade que descubre su sentido a partir de sus contradicciones internas (POLAR, 1989, p. 188-189)

Negar a existência de literaturas andina e sertaneja contemporâneas parece um esforço por esquivar-se de um diálogo com a tradição, colocada como sinônimo de atraso. Aparentemente, trata-se de um discurso carregado da tentativa de homogeneização literária, a qual o mercado editorial, aliado às pretensões de Estados ditatoriais, aproveitou, e os autores, tensionados entre a ambientação de seus escritos e a pretensão de um universalismo, compreendido, equivocadamente, como incompatível com a visada regional, pressionados por um discurso incapaz de compatibilizar tradição e modernidade, encurralados por interesses mercadológicos, optam, aparentemente por questão de sobrevivência editorial, pela reiteração, em suas entrevistas, de posicionamentos conservadores, mantendo obscura, aos olhos mais inocentes, o que parece explícito na formatação de seus textos: a atualização das correntes literárias andina/indigenista e sertaneja e a quebra de estereótipos conservadores acerca dos ambientes de suas narrativas. Assim, os romances, contrapostos às falas autorais, parecem poder ser lidos como discursos de resistência à morte das correntes literárias citadas e à visão conservadora, elitista e europeizada sobre as regiões em pauta.

Referências

ARANTES, Antônio. A guerra dos lugares. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n. 23: Cidade. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Brasília: IPHAN, 1994.

BRITO, Ronaldo Correia. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____ in GUERRA, André. *Entrevista: Ronaldo Correia de Brito*. Disponível em <http://andreguerraepoesia.blogspot.com.br/2013/05/entrevista-ronaldo-correia-de-brito.html>. Acesso em 10 de abril de 2016.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COX, MARK R.. *Perspectivas hacia una definición de la narrativa andina peruana contemporánea*, Ciberayllu, Lima, 29 de set. 2002. Disponível em: http://www.andes.missouri.edu/andes/Comentario/MRC_Perspectivas.html. Acesso em 09 de abril de 2016.

GONÇALVES FILHO, Antonio. Uma viagem ao mundo arcaico. *O Estado de São Paulo*, 26 de outubro de 2008, p. 08.

HUARANCA, Julián Pérez. *Retablo*. Lima: San Marcos, 2004.

_____ in CABALLERO, Carlos Arturo. *Entrevista a Julián Pérez, autor de Retablo*. Disponível em: <http://blog.pucp.edu.pe/blog/naufrago/2012/02/21/entrevista-a-julian-perez-autor-de-retablo-2004/>. Acesso em 05 de abril de 2016.

IANNI, OTÁVIO. *Teorias da Globalização*. 3 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.

LIBROS PERUANOS. *Retablo*. Disponível em: <http://www.librosperuanos.com/libros/detalle/6308/Retablo>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

LLOSA, Mário. *La utopia arcaica*. Disponível em: http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/files/journals/1/articles/10592/public/10592-15990-1-PB.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2016.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. *Revista de filologia românica*. Madrid, n.19, p.355-370, 2002.

POLAR, Antonio Cornejo. *La formación de la tradición literaria en el Perú*. Lima: CEP, 1989.

RAMA, Ángel. Diez problemas para el novelista latinoamericano. In: _____. *La novela en América Latina*. Panoramas 1920-1980. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008. p. 43-113.

REZENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.